REDES FORMATIVAS: POTENCIALIZANDO DIÁLOGOS E ORIENTAÇÕES ÀS MÃES DO CMEI DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO DE AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elielza Oliveira Costa de Sousa[1]
Ana Lucia Paranhos de Jesus[2]
Ana Paula Silva da Conceição[3]

Eixo 3 – Políticas Públicas Educacionais, Currículo, Extensão Universitária e Processos Tecnológicos

Resumo

Este estudo buscou demostrar a importância da escola como espaço acolhedor e orientador as famílias presentes da educação infantil sobre a importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista (TEA), para o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas dessas crianças, com o objetivo de adequações pedagógicas de acordo com as características de cada educando. Pois, entende-se que existe as expectativas em relação a aspectos do desenvolvimento da criança com TEA, ao mesmo tempo em que ajudam a criar estratégias para redução das assimetrias nas classes regulares, podem também gerar frustrações, culpa e angústia nas famílias e no professor, justificando a importância de se compreender, orientar e trabalhar as características do diagnóstico. Uma revisão de literatura foi realizada, abrangendo estudos nesse campo sobre os benefícios do diagnóstico precoce, a partir de diversos autores e o avanço da reflexão acerca das práticas inclusivas dos sujeitos que compõe o ambiente escolar. Pois, para que a inclusão, de fato, aconteça considera-se fundamental que haja parceria entre a instituição educacional e a família para juntas buscarem os melhores caminhos de conduzirem o desenvolvimento da criança, é necessário que dialoguem estabelecendo vínculo de confiança, a família precisa encontrar na escola um parceiro, local de escuta, acolhimento e direcionamento, para essa construção também é necessário que essa família exponha suas observações, fazeres e inquietações para que a escola tenha uma visão do todo da criança, ou seja, perceba como é a criança em contextos diferentes de socialização, para que dessa forma possa traçar o melhor planejamento pedagógico de maneira que auxilie o desenvolvimento integral da criança

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Educação Inclusiva. Educação Básica.

[1] Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED); Mestra pelo Programa de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB); anajesus8@educacaosalvador.net.
[2] Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED); Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB); elielzasouza@educacaosalvador.net.
[3] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutora em Educação (UFBA); apsconceicao@uneb.br.

ISSN 2674-7227

Introdução

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é também nomeado como transtorno do neurodesenvolvimento (BECKER; RIESGO, 2016). Transtorno esse que pode ser identificado na infância, entre um ano e meio a três anos, mas, as vezes demora a ser percebido quando as suas características são mais amenas. Os primeiros sinais de TEA aparecem na primeira infância e, em alguns casos, não são reconhecidos pelos pais e outros ainda preferem ignorar os sinais alegando que o filho tem atitudes intensas e não buscam o devido tratamento (SILVA, 2017).

Contudo, ao chegarem em escolas e creches poderão ter os sinais vistos pelos professores que poderão dar suporte nos caminhos necessários para busca do diagnóstico a ser realizado, pois compreender e respeitar a diversidade é indispensável para consolidar políticas de inclusão, que possibilitem a participação de todos, nos espaços sociais e políticos. Caso seja negado os sinais, as crianças se tornam jovens e adultos que, sem tratamento correto, podem vir a ter um agravamento desse transtorno (CASTANHA, 2016; FERREIRA; FRANÇA 2017).

O autismo mostra seus primeiros sinais na infância e estes podem dificultar o desenvolvimento da criança de acordo com a intensidade que apresentam, até mesmo o interesse em interações sociais, se não forem previamente diagnosticado. Algumas crianças que apresentam o transtorno demonstram regressão no desenvolvimento, com uma deterioração gradual ou relativamente rápida em comportamentos sociais e/ou uso da linguagem, frequentemente nos dois primeiros anos de vida, o que pode ser detectado pelos pais. No que se refere aos sinais, boa parte estão relacionado a criança não falar, mesmo estando na idade em que deveria haver ao menos as primeiras palavras. (ZANON, 2014; SILVA; ARAÚJO; DORNELAS, 2020; APA, 2014).

No entanto, a inclusão escolar não se faz sozinha, as práticas pedagógicas podem e devem ser conduzidas diante de informações e ideias trocadas com os pais e serem conduzidas nessa parceria entre escola e família. A família configura-se como uma instituição socializadora, como célula básica da sociedade, cuja importância é decisiva no desenvolvimento do sujeito. Como contexto cultural e de práticas educativas, a família ocupa um lugar privilegiado por estar imbuída de sentimentos e afetos na transmissão de elementos para a formação, isto é, na transmissão dos padrões de moral e convivência social que influenciam a personalidade do indivíduo (PORTELA, C. P J. e BORDAS, M. A. G).

Neste contexto, a escola surge como um caminho de estimulação precoce para a criança com autismo, que promove a interação social, auxilia no desenvolvimento e estimula precocemente as habilidades da criança.

ISSN 2674-7227

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo apresentar estratégias de como apoiar e orientar as mães das crianças com (TEA) das turmas de Educação Infantil em um (CMEI) de Salvador, em sua primeira experiência escolar, a buscarem o diagnóstico e atendimento especializado para a criança de maneira a garantir os direitos humanos e educação inclusiva de alunos com TEA no ensino regular.

Justifica-se, pois, que na vida social e escolar de uma criança com deficiência, a família desempenha um papel fundamental, pois ela é a primeira e mais constante fonte de apoio, afeto e orientação.

Metodologia

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho foi a revisão de literatura, na qual foram utilizados periódicos acadêmicos científicos e livros como fonte de pesquisa para se aprofundar no objeto de estudo, sendo ele a aprendizagem colaborativa, bem como, as experiências exitosas das professoras do CMEI envolvidas nesta pesquisa.

A escola pode desempenhar importante papel na identificação precoce de crianças com TEA e dessa forma apoiá-las em seu desenvolvimento, visto que o número de diagnósticos tem tido relevância em quantidade e cada vez mais evidente em nossa sociedade. Mesmo com números crescentes, ainda existe, uma grande falta de conhecimento sobre o tema e, as escolas são fundamentais nesta interação com às famílias, podendo contribuir para uma dinâmica mais abrangente relacionadas a identificação e ao tratamento do TEA.

Ressaltamos que se pretende dar seguimento ao estudo realizando reuniões periódicas para refletir, escutar e produzir materiais de orientação e suporte com os diversos atores envolvidos no processo educativo, com a intenção de fortalecimento mútuo, através dessas reuniões será construído um ebook como um documento orientador da comunidade escolar.

Resultados e discussões

Para que o TEA não seja diagnosticado de forma tardia, a percepção dos pais em relação a criança é de suma importância, a partir da observação de sinais, como: dificuldades de interagir socialmente, seja por medo, ansiedade ou indiferença. A partir dos seis primeiros meses de vida da criança, já pode se perceber alterações. Ao intervir precocemente, novos estímulos a criança podem ser aplicados, através de novas experiências vivenciadas durante o período de neuroplasticidade, onde a aprendizagem é mais eficiente. A intervenção precoce

ISSN 2674-7227

também pode colaborar na atenuação de comportamentos tidos como inadequados prevenindo intensificação e cristalização dos mesmos (MAIA, 2019).

Ao identificar a deficiência do (a) filho (a)/ pais ou responsáveis é natural que estes busquem reorganizar a sua rotina e identifiquem formas de encaminhar a vida da família e do(a) indivíduo. Nesse contexto, o ato de cuidar se destaca dentre as demais tarefas, tendo em vista que envolve os processos de socializar e educar a pessoa com deficiência. “Na história humana o cuidado está relacionado à sobrevivência, reflete-se na saúde e, consequentemente, na qualidade de vida do indivíduo” (AZEVEDO, SANTOS 2006, p. 3).

Pode-se pontuar como um problema para o diagnóstico, a falta de conhecimento dos pais quanto ao que é normal para a faixa etária e que neste momento o filho não apresenta. Conhecimento que faz muita diferença, pois é a partir disso que pode entender que o filho está atrasado dos demais e assim procurar ajuda médica, conseguindo melhorar a qualidade de vida da criança em todos os ambientes de interação social. Vale ressaltar que a ocorrência de sinais isolados, não é suficiente para um diagnóstico de autismo (BRAGA, 2008; ZANON,2014).

Por isso, diante das leituras realizadas e experiências na educação infantil das pesquisadoras, a criação de um ebook vai possibilitar as escolas de como orientar as famílias e implementar ações de acompanhamento do transtorno e também formas de lidar em situações desafiadoras.

Considerações finais

Por fim, no que diz respeito à inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista que legalmente são consideradas pessoas com deficiência, deve-se também observar a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência nº 13.146, de julho de 2015, conhecida como LBI ou Lei Brasileira de Inclusão. Prevê, entre outros, que o sistema educacional seja inclusivo em todos os seus níveis e modalidades, permeando todos os aspectos e especificidades do processo de ensino, visando alcançar as reais necessidades educacionais, sociais e principalmente individuais das pessoas com deficiência.

O professor é extremamente importante nesse processo, pois a sua forma de condução será um diferencial no alcance de objetivos traçados para a criança, quanto a seu desenvolvimento. Mesmo com os crescentes números, a comunidade científica carece de estudos sobre o tema. O respaldo científico é importante para subsidiar práticas docentes e inclusão no processo educacional, que é hoje, a maior ferramenta a ser promovida (ADURENS; VIEIRA, 2018).

ISSN 2674-7227

Desta forma, ficamos com a sugestão em ampliar a discussão, em outros estudos, sobre a questão do diagnóstico tardio das crianças, por falta de conhecimento das famílias, quanto ao Transtorno do Espectro Autista, a partir de um olhar atento, sensível e "neutro" que compreenda e acolha as singularidades de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

ADURENS, F. D. L; VIEIRA, C. M. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. Cad. Pós – Grad. Disturb. Desenvolv. São Paulo, v. 18 n, 2p, 94 – 124 dez 2018.

Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. 7.7. 2015.

BECKER, Michele Michein, RIESGO, Rudimar dos Santos. Aspectos Neurobiológicos dos

Transtornos do Espectro Autista. In. ROTTA. Newra Tellechea, OHLWEILER, Lygia RIESGO, Rudimar dos Santos (Orgs.) Transtorno da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar .2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016, pg. 357 -367.

BRAGA, Carolina da Conceição Silva. Perturbações do Espectro do Autismo e Inclusão: atitudes e representações dos pais, professores e educadores de infância. Universidade do Minho. Editora, 2008.

CASTANHA, Juliane Gorete Zanco et al. A trajetória do autismo na educação: da criação das associações à regulamentação das políticas de proteção (1983-2014). 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Estado e Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

/UNIOESTE – Campus de Cascavel. Cascavel/PA, 2016.

FERREIRA, Mônica; FRANÇA , Aurenia. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizgem Escolar. Id. online Revista Multidisciplinasr e de Psicologia, v, nº 38, pg 507, 519, 2017.

MAIA, C. S; MENEZES, K. M.C; QUEIROZ, J, R. A; MACIEL, G. E. Transtorno do Espectro

Autista e a suplementação por ácido fólico antes e durante a gestação. J bras psiquiatra, 2019.

PORTELA, Cláudia Paranhos. org II, BORDAS, Miguel Angel Garcia. Org III. As famílias contemporâneas: pontos, contrapontos e paradoxos inclusivos – Curitiba, 2020.

SILVA, Dilvane. AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Orientador: Rosani Casanova Junckes. 2017. UNISUL, Santa Catarina, 2017

ISSN 2674-7227